

## **Santos Fundadores de Cister**

**Mosteiro de S. Giacomo di Veglia, 26 de janeiro de 2011**

### **Profissão solene de Irmã Maria Aline e Irmã Maria Francesca**

*Leituras: Eclesiástico 44,1-15; Hebreus 11,1-2.8-16; Marcos 10,23b-30*

Pode parecer estranho e contraditório que nesta liturgia em honra dos três fundadores de Cister, em um mosteiro que quis renovar a fidelidade ao carisma de estabilidade de São Bento, e no momento em que duas Irmãs emitem para sempre o voto de estabilidade monástica, as leituras falem em partir, peregrinar, perder a própria estabilidade de vida para seguir a própria vocação.

Com efeito, o autor da carta aos Hebreus escreve que “pela fé, Abraão, chamado por Deus, obedeceu à ordem de partir para uma terra que devia receber como herança, e partiu, sem saber para onde iria.” E Jesus, respondendo a uma pergunta de Pedro, nos anuncia que o segredo da plenitude da vida, neste mundo e no outro, é tudo deixar por causa dele e do Evangelho.

A vocação para seguir Jesus Cristo nos pede que partamos e abandonemos a estabilidade de nossa vida, a fim de seguir Aquele que nos chama, e viver segundo o Evangelho, a sua Palavra, o seu anúncio de Salvação.

Como é possível viver essa realidade no mosteiro, seguindo a Regra beneditina como os nossos Santos Fundadores cistercienses? É verdade que para entrar no mosteiro é preciso deixar a própria casa, a própria família, às vezes o próprio País de origem, a própria cultura, etc. Mas, em contrapartida, é como se a comunidade, a casa e a propriedade do mosteiro, as tarefas que nos são confiadas, os nossos superiores, tudo isso substituísse o que deixamos; é como se nos estabelecêssemos e nos fixássemos em tudo isso ainda mais fortemente do que quando éramos apegados à família, à nossa casa, às nossas amizades, ao que fazíamos antes de entrar no convento. Então, como fica o chamado a tudo deixar? O que será do Evangelho se não vivermos nossa vocação como a viveu Abraão que, nos diz ainda a carta aos Hebreus, “viveu como estrangeiro na terra prometida, morando em tendas”?

Na realidade, também aos monges e às monjas, é pedida uma contínua peregrinação. São Bento, em toda a sua Regra, nos fala de um caminho, nos fala decididamente de uma corrida contínua. Ele tem consciência do paradoxo, da aparente absurdidade que é pedir para correr a fim de ser estável, de correr para permanecer. É o que diz no Prólogo: “Se quisermos habitar na tenda real do acampamento desse Reino, é preciso correr pelo caminho das boas obras, de outra forma nunca se há de chegar lá” (RB, Pr. 22).

O mosteiro beneditino é, pois, um lugar onde se nos pede para andar por um caminho, um caminho em direção à tenda do Reino de Deus, para nela habitar. A nossa estabilidade é, na realidade, um âmbito do caminho, o caminho evocado pela segunda promessa dos nossos votos, o da “*conversatio*” de nossos costumes, isto é, da conversão, dentro da vida monástica, do nosso modo de viver; e tudo isso guiado pela obediência, pois não há caminho sem direção, sem rumo. Somos chamados a andar por um caminho interior que, de nós mesmos nos leva a aderir ao Senhor Jesus, a nele morar, nele presente que é para nós a verdadeira Tenda Real, o verdadeiro Tabernáculo de Sua e nossa morada.

A obediência que professamos para com o abade ou a abadessa, a comunidade, a Regra, nos reconduz enfim ao Evangelho. São Bento o exprime bem no Prólogo: “Guiados pelo Evangelho, trilhem os seus caminhos”, o caminho de Cristo (Pr. 21).

Esta é fundamentalmente a mesma expressão do Evangelho deste dia, quando Jesus fala em deixar tudo por Sua causa e do Evangelho, isto é, deixar tudo por causa dele que nos fala, por causa dele presente que nos ensina o caminho da vida, caminhando conosco, como fez durante três anos com a comunidade dos homens e mulheres que O seguiam; como fez depois da ressurreição com os discípulos de Emaús.

É este o nó da questão: compreender e experimentar que nossa vocação é um caminho unicamente se no centro de nossa vida estiver Jesus Cristo a nos falar, Jesus a nos chamar. Não caminhamos se recebermos instruções, um itinerário de santidade, um método de ascese. Tudo isto de nada serve senão para nos fazer sentir angustiados como os discípulos, depois de Jesus ter dito que “é mais fácil fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus”. Se escutarmos o que nos pedem o Evangelho, a Igreja e a Regra de São Bento, sem aderirmos a Cristo presente, tudo é impossível, tudo é absurdo, tudo não passa de uma pretensão sobre nós mesmos que jamais se realizará a não ser nos sonhos de nossa presunção, de nosso orgulho. Porque o caminho da plenitude da vida que o Senhor nos propõe é “impossível aos homens”, é impossível a quem não está com Deus, é impossível a quem não está ligado a Jesus Cristo que nos fala, que nos diz o Evangelho, que faz do Evangelho, não um livro, não um ensinamento, não uma doutrina ou uma moral, mas Jesus que nos dá e transmite a Verdade que é Ele mesmo.

Esta é a fé, a fé de Abraão, a fé de Pedro, a fé de Bento, de Roberto, Alberico e Estêvão. Esta é, sobretudo, a fé da Virgem Maria, a primeira a acreditar que “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37). Maria acreditou que para Deus é possível não somente fazer passar um camelo pelo fundo de uma agulha, não apenas permitir que um rico se desapegue de suas riquezas para entrar no Reino, mas também fazer com que, da esterilidade de Isabel, brote a vida, a morte se transforme em vida e, mais ainda, Ele mesmo venha nascer do seio de uma Virgem e fazer-se homem.

“Para Deus nada é impossível”. Foi na fé desta palavra do Anjo que Maria fez a sua “Profissão solene”, que é uma profissão de humildade, de obediência, de confiante abandono ao Deus do impossível: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,38).

Quando dessa maneira se professa a fé perante Deus que nos chama, o fruto é então, seja para Maria ou para nós, a Encarnação. O fruto é Deus que se torna presente, manifesta a sua presença no mundo, a sua presença que salva o mundo. A Encarnação é também fruto da fé de Abraão que permitiu não somente “uma numerosa descendência”, mas o nascimento, nesta descendência, do Filho de Deus. O Verbo se fez carne através da nossa pobre vida, da nossa pobre pessoa que, consciente de nada poder fazer, de ser estéril, de ser “marcada pela morte”, deixa tudo para fazer Àquele que tudo pode.

É este, caras Irmãs Aline e Francesca, o grande horizonte do que hoje estais a viver, do “Sim” que hoje pronunciais e que, do mais profundo de vossa pobreza, repetireis a cada dia para confiar continuamente a fecundidade e a plenitude de vossa vida ao único Senhor que pode salvar o mundo doando-Se a Si mesmo.

*P. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral O. Cist.*